

VIVÊNCIAS EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA: A AULA DE CAMPO POTENCIALIZANDO FORMAS OUTRAS DE ENSINAR E APRENDER

Marcos Marques Formigosa¹
Renan Rodrigues do Vale²

Nas escolas do campo, onde os laboratórios de ciências são inexistentes, dada a precariedade que muitas dessas escolas existem (Tenório *et al.*, 2019; Formigosa *et al.*, 2022), a natureza pode ser aliada nessa atividade, pois pode ser considerada um “laboratório vivo” nessas comunidades, especialmente na região amazônica. No entanto, muitos professores que atuam nessas escolas acabam por desconsiderar essa potencialidade, considerando que suas formações ocorreram em um formato cartesiano, que não possibilitou experienciar formas outras de ensinar e aprender dentro desses contextos, reproduzindo práticas urbanocêntricas.

Visando suprir lacunas diversas como a de infraestrutura, algumas metodologias, como a aula de campo, mostram-se como uma aliada. Para Fernandes (2007, p. 22) aula de campo se caracteriza por ser “aquela que envolve o deslocamento dos alunos para um ambiente alheio aos espaços de estudo contidos na escola”. Pierote e Campo (2014, p. 4), por sua vez, salientam que essa atividade “[...] torna a aprendizagem mais prazerosa, pois esta ganha cores, sons e movimento, deixando um cenário composto basicamente por paredes e quadro negro”.

Nesse sentido, o objetivo deste relato de experiência é apresentar a metodologia da aula de campo desenvolvida no curso de Educação do Campo por meio da disciplina Etnociências em uma comunidade ribeirinha na Amazônia Paraense. Portanto, nossa imersão se deu numa relação de escuta aos saberes tradicionais ou aos etnoconhecimentos desse grupo étnico. Diegues (1996, p. 94) entende que:

[...] as populações tradicionais possuem um modo de vida específico, uma relação única e profunda com a natureza e seus ciclos, uma estrutura de produção baseada no trabalho da própria população, com utilização de técnicas prioritariamente baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras geralmente bem definidas adequando-se ao que a natureza tem a oferecer, e também manejando quando necessário. Em tais populações, ocorre uma constante transmissão de conhecimentos através das gerações como forma de perpetuar a identidade do grupo.

A aula de campo teve como objetivo proporcionar aos alunos vivência em contextos empíricos para a percepção e reflexão sobre as distintas etnociências desenvolvidas/presentes em comunidades ribeirinhas a partir dos etnoconhecimentos desenvolvidos nesses territórios.

¹ Doutor em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: mformigosa@ufpa.br

² Mestre em Ensino pela Universidade Federal do Pará. Professor Substituto da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: renanvale@ufpa.br

Foram realizadas observações, entrevistas, registros fotográficos e uma roda de conversa com alguns moradores mais velhos da Vila para posterior socialização. A aula de campo mostrou-se potencialmente significativa na aprendizagem dos discentes, pois mesmo que pertençam a comunidades tradicionais, permitiu-lhes desenvolver um olhar mais atento para os etnoconhecimentos presentes nos seus territórios.

Os dois primeiros dias da disciplina foram de discussões teóricas e planejamento, pois a aula de campo é uma metodologia de ensino que “[...] inicia-se muito antes que a mesma seja efetivada, pois temos que planejá-la e traçarmos os objetivos que pretendemos alcançar com esta atividade” (Pierote; Campo, 2014, p. 8). Assim, em diálogo permanente com os discentes, considerando o local onde a aula aconteceria, elegemos a Vila Maripi, localizada à margem direita do rio Xingu, em Porto de Moz (PA). Além desse fator, um dos alunos da turma, Jeferson Oliveira (*in memoriam*), residia na comunidade e assumiu a responsabilidade de fazer a mobilização junto aos moradores sendo nosso anfitrião.

O acesso a ela ocorre por meio de estradas de chão, mas apenas com motocicletas, e pelo rio, entre 20 minutos e 1h de tempo da sede do município de Porto de Moz, a depender do tipo de embarcação ou mesmo de fatores naturais como a chuva, o vento e o sol. A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Porto de Moz disponibilizou a embarcação para o deslocamento. A ida a campo ocorreu em uma quarta-feira, com saída da cidade às 7h30, chegando na comunidade por volta de 8h. Os alunos foram organizados em grupo, de quatro, e receberam um roteiro da aula de campo. Os registros foram feitos em diário de campo, áudios, fotografias e vídeos (esses dois últimos foram compartilhados em um grupo do WhatsApp).

A aula foi planejada em oito momentos. O primeiro deles foi o planejamento e ocorreu em sala de aula, com os alunos. Como ficaríamos o dia todo na comunidade, foi necessário planejar, além da atividade em si, a logística para deslocamento e alimentação. Dessa modo, definimos o dia, horário de concentração para saída e hora da saída. Ainda na sala de aula foram discutidos os momentos seguintes e qual a finalidade de cada um. Os discentes foram instigados a tomarem as discussões e leituras realizadas em sala de aula como fio condutor para a atividade.

No segundo momento, já na comunidade e devidamente recebidos pelo nosso anfitrião, os grupos de discentes fizeram uma exploração visual do lugar. Foi o momento em que os alunos circularam ao ar livre, dessa forma puderam observar, tocar, sentir o ambiente com os devidos cuidados e onde era permitido.

O terceiro momento ocorreu por meio de uma conversa com algumas pessoas da Vila: o morador mais velho, uma parteira, um puxador, um caçador e uma pescadora, além de contar com a participação de duas estudantes do ensino médio que estão aprendendo alguns desses

ofícios. A roda de conversa se deu em um dos centros comunitários da Vila e os participantes foram previamente contactados pelo anfitrião. Nesse momento, todos tivemos a oportunidade de ouvir as vivências e experiências dessas pessoas que desenvolvem suas formas de vida a partir da relação com o meio natural, onde apontaram as mudanças que ocorreram na vila e no meio ambiente com a redução do pescado, ampliação do desmatamento, dificuldades para captura de animais silvestres para consumo das famílias, dentre outros. Os moradores destacaram ainda que esse fator se acentuou com a abertura da estrada que liga a Vila até a cidade, e as invasões na área da Vila por pessoas estranhas passou a ser recorrente. Após esse momento todos realizaram um almoço coletivo, com a participação de alguns moradores.

No quarto momento, os discentes visitaram a outros espaços da Vila, com a intenção de averiguar outros aspectos importantes sobre a fauna e a flora deste local, relacionando-os à biodiversidade da sua comunidade de pertença, bem como apontando possíveis diferenças não apenas no meio natural, como na relação entre homem e natureza, pois mesmo que grande parte deles residam em territórios ribeirinhos, estes possuem suas especificidades.

O quinto momento foi destinado para a realização de entrevistas, com outros moradores da Vila, a partir de um roteiro de assuntos a serem explorados e que também surgiram no decorrer da roda de conversa. Assim, enquanto visitavam outros espaços da comunidade no quarto momento, os discentes foram realizando as entrevistas com os moradores, conforme suas disponibilidades. Cada grupo entrevistou até quatro pessoas com a intenção de conhecer como as famílias se relacionam com o meio natural, as formas de produzir, de pescar, de cuidar da saúde e outros. Todas as pessoas que foram entrevistadas pelos alunos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O sexto momento, não programado, foi a realização de duas partidas de futebol entre alguns moradores da Vila com os discentes e de algumas moradoras com as discentes. Esse momento foi articulado no decorrer das entrevistas pelos discentes com os moradores e foi muito rico, pois possibilitou uma maior integração entre os discentes e os moradores, inclusive daquelas pessoas que não jogaram, mas que foram para a “beira do campo” acompanhar.

O sétimo momento foi de retorno para a cidade de Porto de Moz, com muitas aprendizagens na bagagem. Esse momento seguiu da orientação em sala pelo professor para que os discentes realizassem a sistematização dos dados. Os alunos ficaram livres para escolher qual abordagem dariam, dentro daquilo que lhes chamou mais atenção em toda a atividade, que tinha relação direta com as discussões que foram realizadas em sala de aula nos dias anteriores. Esses dados foram organizados na quinta-feira e na sexta-feira pela manhã, para serem apresentados, em formato de banner, no pátio da escola onde ocorrem as aulas dos cursos que

a UFPA oferta no município na sexta-feira à tarde. Assim, participaram desse momento os alunos e professores dos outros cursos e algumas pessoas da comunidade que circulavam pela escola.

O oitavo e último momento foi a avaliação da atividade, onde todos os envolvidos puderam expressar suas impressões acerca da atividade desenvolvida, apontando dificuldades, sugestões e contribuições.

A constituição histórica da Vila Maripi narrada pelos moradores mais velhos e a relação de pertencimento que expressam. Parte dos moradores da vila se autorreconhecem como quilombolas e tem processo de reconhecimento em tramitação no Instituto de Terras do Pará (ITERPA) e Fundação Palmares. Parte considerável dos entrevistados tem baixa ou nenhuma escolaridade, no entanto, ausência de instrução formal não é sinônimo de ausência de conhecimento (Mendonça, 2007).

A vila possui três comunidades católicas: São Tomé, Santa Luzia e SantAna, oriundas de grupos familiares que festejam os respectivos santos a partir de graças alcançadas atribuídas a eles. Essa prática de fé se reflete nas ações cotidianas dos moradores, que com a ausência de um serviço público de saúde adequado (a comunidade tem um posto de saúde, mas não tem profissionais e pouca mediação), recorrem aos santos e as plantas medicinais nativas e/ou plantadas nos quintais como forma de cuidar da saúde. Temas como esses foram recorrentes nas conversas, os quais os discentes evidenciaram. Além desses, houve grupos que discorreram sobre as diferentes formas de cultivo, em especial da mandioca, como principal fonte de renda, e outros que deram ênfase para as mudanças no meio ambiente que interferem nas atividades agrícolas e da pesca. Assim, os moradores demonstram ter um acervo de informações sobre o meio ambiente como estratégia de sobrevivência (Mendonça, 2007)

Devido ao desmatamento, já é mais difícil encontrar alguns remédios naturais (plantas nativas): andiroba, copaíba, unha de gato, escada de jabuti, mata pasto, cipó-para-tudo e a fruta de cumaru. As plantas cultivadas eram fáceis de encontrar nas casas das famílias, porém, por conta de o conhecimento empírico não ser repassado devido a falta de interesse dos mais jovens, algumas plantas deixaram de ser cultivadas.

Ainda em virtude das mudanças ocorridas no meio ambiente, houve diminuição ou até mesmo o desaparecimento de algumas espécies de peixe. Além desses fatores, identificamos que essas mudanças no ambiente interferem nas formas de vida dos moradores, que sentem o clima mais quente, e os idosos e as crianças adoecem com mais frequência.

Foi possível identificar que alguns moradores da comunidade tomam iniciativas para contribuir com o meio ambiente, reciclando materiais industrializados como garrafas e sacolas

plásticas para confecção de vasos e tapetes, por exemplo. Há ainda a utilização de produtos da própria natureza, como os caroços do açaí e da bacaba, que são reutilizados no canteiro como adubo, e suas ‘saroas’ ou ‘sarobas’ sendo acessório para o artesanato.

A aula de campo mostrou-se como uma atividade significativa para a aprendizagem dos conceitos científicos e de novas práticas docentes na escola do campo. Proporcionou aos alunos um ensino não fragmentado e estimulou a valorização dos saberes das comunidades tradicionais, que podem ser utilizados nas aulas, incluindo essas comunidades na escola e fortalecendo a relação.

Mostrou o potencial que a natureza possui e que pode ser explorada nas aulas, rompendo com formas convencionais de ensinar. Assim, os espaços não formais demonstram relevada importância no processo de ensino e aprendizagem e pode ter diferentes abordagens, inclusive de caráter interdisciplinar, possibilitando uma educação diferenciada nesses territórios.

Palavras-chave: Metodologias de Ensino, Educação Diferenciada, Comunidades tradicionais, Etnoconhecimentos, Ribeirinhos.

Agradecimentos

Aos moradores da Vila Maripi, pela partilha, e ao Jerferson Oliveira Nunes (*in memoriam*) que muito cedo nos deixou e antes disso contribui com muita maestria não apenas nessa atividade como em vários momentos no curso e na sua comunidade.

Referências

- DIEGUES, A.C.S. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed. ampliada. São Paulo: Hucitec/NAPAUB/USP/CEC, 2008.
- FERNANDES, J. A. B. **Você vê essa adaptação?** A aula de campo em ciências entre o retórico e o empírico. 326p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2007.
- FORMIGOSA, M. M *et al.* A acessibilidade de uma escola ribeirinha num dado contexto da Amazônia paraense. **Formação (Online)**v. 29, n. 54, p. 123–144, 2022. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/8065>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- MENDONÇA, M. S. *et al.* Etnobotânica e o saber tradicional. FRAXE, T. J.P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007. p. 91-105.
- TENÓRIO, W. D. *et al.* **A formação e atuação docente na disciplina de ciências em escolas do campo na Amazônia Paraense**. Revista Insignare Scientia, v. 2, n. 4, p. 158-179., 2019.
- PIEROTE, A. R. CAMPO, M. C. A aula de campo como metodologia para a compreensão das questões ambientais no ensino de geografia. PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. v.1. (Cadernos PDE).
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação do Campo do Campus de Altamira**, Belém: UFPA, 2015.